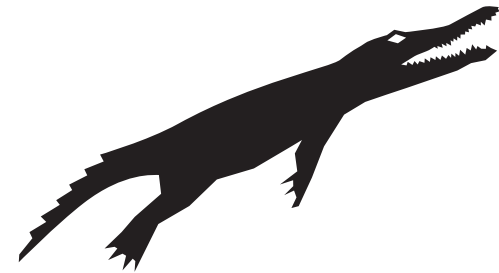




0
CROCÓDILO
QUE
VOA

O
CROCÓDILO
QUE
VOA

ENTREVISTAS A LUIZ PACHECO



Organização
e introdução de
JOÃO PEDRO GEORGE

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXV

*À senhora doutora Eduarda Rosa,
açoriana e poetisa,
excelente*

© 2007, Luiz Pacheco e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Têls.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *O Crocodilo Que Voa.*
Entrevistas a Luiz Pacheco
Autores: Luiz Pacheco e entrevistadores
Organização e introdução: João Pedro George
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Vera Tavares

EDIÇÃO DE BOLSO
1.ª edição: Fevereiro de 2015
ISBN: 978-989-671-250-1
Depósito Legal n.º 38524/14

ÍNDICE

PREFÁCIO II
Cousas loucas acertadas

INVENTÁRIO DAS ENTREVISTAS 35

PARA DAR O EXEMPLO 39
Carlos Quevedo e Rui Zink, revista *K*

OLHÓ PACHECO! SACANA LIBERTINO ESCRITOR 73
Baptista-Bastos, *O Inimigo*

SOU UM MORIBUNDO ALEGRE 85
Mário Santos, *Público*, «Leituras»

ISTO SÓ ME TEM DADO CHATICES 99
João Paulo Cotrim, *Ler*

LUIZ PACHECO: O DISCURSO DO LIBERTINO 135
Cláudia Galhós, *Blitz*

LUIZ PACHECO, ANTES QUE SE DEIXE MORRER 153
Paula Moura Pinheiro, *Já*

A VELHICE DO GUERRILHEIRO DA ESCRITA 163
Rodrigues da Silva e Ricardo de Araújo Pereira
Jornal de Letras, Artes e Ideias

PREFÁCIO
Cousas loucas acertadas

ESTÚPIDOS, CONFORMISTAS, COBARDES:
É A MAIORIA DA MALTA... 191
João Pedro George, blogue *Esplanar*

EU NÃO SOU UM MARGINAL, PORRA. SOU UM SENHOR 231
Pedro Castro, *A Capital*

GUERREIRO PACHECO 253
Pedro Dias de Almeida, *Visão*

UM DIÁRIO INTEIRAMENTE LIVRE 263
Rodrigues da Silva, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*

NÃO ESTOU AQUI A FAZER POSE 277
Ricardo Nabais e Vladimiro Nunes, *Sol*

ÍNDICE ONOMÁSTICO 301

LUIZ PACHECO: NOTA BIOGRÁFICA 311

LUIZ PACHECO PERTENCIA àquele tipo de pessoas que tem o dom da conversação. Ouvi-lo dar uma opinião ou narrar uma historieta, uma recordação inesperada, é uma experiência que perdura na memória. Fosse pela agilidade mental ou pelo implacável sentido da lógica, pela sinceridade desarmante ou pelo desapego de quem não quer ser correcto ou bem-comportado; fosse pelas intervenções cómicas, o humor negro, o absurdo, o sarcasmo, a picardia, o cepticismo de quem viu e viveu muito, de quem teve uma experiência imensa, um íntimo conhecimento do ser humano. Com alguém assim, acreditem, aprende-se muito.

Felizmente, os jornais e as revistas perceberam isto há algum tempo, e não se dispensaram de publicar, regularmente, entrevistas com Luiz Pacheco¹. Só tenho de aplaudir, porque esta atenção da imprensa, é de presumir, deu-lhe novo ânimo como escritor e ampliou-lhe o número de leitores, em particular entre as gerações mais novas. Facto é, porém, que esta curiosidade nem sempre teve, diga-se, as melhores razões. Porque o que interessava realmente, por vezes, era captar o lado pitoresco ou castiço, como nos fenómenos de feira. Era colher indiscrições, era dar à estampa, na primeira página, em letra redonda, um título

¹ O inventário das entrevistas que conseguimos apurar pode ser consultado no final deste prefácio.

provocador². Os jornalistas, que já lhe conheciam a índole «malevolente» (é o próprio que o confessa, na entrevista a Mário Santos), iam à cata do mexerico, da inconfidência, da intriga: «Quem são os teus inimigos? Nomeia cinco prosadores que detestes» (B-B, 1994); «Quem é que faz questão de não ler?»; «E a Agustina?», «E o Cesariny?», «Ainda lê o Miguel Esteves Cardoso?» (Salazar, 1998); «E Vergílio Ferreira?» (Santos, 1995); «E o último do Saramago?» (Galhós, 1995); «E a Agustina? Mas gostas ou não gostas?» (Rodrigues da Silva/Araújo Pereira, 1997); «Já que falamos do Torga...» (Ferreira Alves/Sepúlveda, 1988); «São maus, o António Barreto e o Sarsfield Cabral?», «O que lhe sugere António Guterres?», «E o Cavaco?» (Vasco Almeida, 1998); «Gosta da escrita de António Lobo Antunes?», «E José Saramago?», «O que nos diz dos políticos?», «Gosta do José Sócrates?», «Mas gosta de Pedro Santana Lopes?» (Assor, 2007).

A este respeito, valha a verdade, Luiz Pacheco não foi nenhum desmancha-prazeres e, escusado será dizê-lo, raramente os jornalistas voltavam para as redacções de mãos vazias. Não porque quisesse ocupar o palco a qualquer preço, mas porque lhe estava no sangue e porque conquistara, há muito, esse direito, essa liberdade de dizer o que lhe dava na gana. Era rude? Era torcido? Era cruel? Talvez. Era inconveniente? Rompia em excessos? Descambava nas indelicadezas? Dava respostas chulas? Melhor! Quando à nossa volta o clima mental é lúgubre e estéril; quando o meio literário em que vegetamos não promove o espírito crítico, antes o comércio escuro e as mútuas medidas (mas isto é como malhar

2 Exemplos: a entrevista de João Vasco Almeida, na revista *Ego*, com o título «Guterres tem ar de padre»; de Fernando Esteves, no semanário *O Independente*, com esta frase na primeira página: «Santana só fez merda na Câmara de Lisboa mas eu acho graça a isso»; ou a de Miriam Assor, no *Correio da Manhã*, com o título «Sócrates? Quem é? Não o conheço».

em ferro frio, quem é que quer saber disso?), abençoado Pacheco! Num ambiente destes, repito, as judiarias e o temperamento belicoso do Luiz tinham um efeito desinfectante. E atirar à cara dos obsoletos literatos locais uns quantos raciocínios sumários, aplicar-lhes algumas dentadas de cobra cascavel, fazendo-lhes sangrar o orgulho, era um dever, mais, era um sinal de civilização.

EXCENTRICIDADE E MALDIÇÃO

O Luiz Pacheco criou uma personagem, contribuiu voluntariamente para levantar uma lenda à sua volta, ou fomos nós que a criámos? As duas coisas. Luiz Pacheco sempre foi um crítico arrojado e um tipo singularmente divertido, um trocista desbragado, com um desplante e uma sem-cerimónia invulgares. Um homem que não levava a sério as regras consuetudinárias nem os convencionalismos da moral. Em suma, alguém que não fazia parte da normalidade social, aquilo que as sociedades consideram um indivíduo «extravagante» ou «excêntrico»³. Ora bem, por via de regra, todos os grupos humanos têm, sempre tiveram⁴, o seu quinhão de excêntricos, necessitam mesmo deles. O excêntrico é algo que se deve ter, um adorno que fica bem, mais a mais no mundo das artes e das letras, que necessita mostrar a sua diferença relativamente

3 A palavra «excêntrico» aponta para a ideia de um sujeito extravagante ou esquisito, mas também para uma outra, importante neste comenos: algo (ou alguém) que está fora do centro.

4 «Claro que há sistemas sociais e políticos que não podem permitir-se, nem permitem, aceitar a excepcionalidade (relativa) do extravagante. Mas são poucos. Durante o franquismo mais duro, por exemplo, Foxá, d'Ors ou Dalí não só foram aceites como até bem-vindos.», Carlos Castilla del Pino, «Extravagante, excêntrico, raro», em Carlos Castilla del Pino (org.), *La extravagancia*, Madrid, Alianza Universidad, 1995, p. 27.

aos outros meios sociais (mais «vulgares»), e cujo prestígio assenta, em grande medida, numa retórica da originalidade e da transgressão. O excêntrico, como no passado os bufões ou os bobos — aqueles que diziam «cousas loucas e cousas acertadas» (Manuel Laranjeira) — é alguém que tem por função divertir, provocar, surpreender, ou seja, aliviar a tensão que nos provocam as exigências dos compromissos sociais.

Sucede, todavia, que ganhar o estatuto de «excêntrico» ou «extravagante» é um processo demorado e precisa do seu tempo, não é título que se conquiste da noite para o dia. Requer uma persistência no relacionamento insólito ou inusitado com os outros, bem como uma desobediência, mais ou menos constante, em relação a algumas regras sociais. Após uma surpresa inicial perante um acto que foge ao comum, e verificando-se uma regularidade nesse comportamento, a sociedade, como medida preventiva, cria uma nova expectativa em relação à conduta desse indivíduo e à forma como passará a relacionar-se com ele. Segundo Carlos Castilla del Pino, professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Córdoba⁵, isso vai conferir ao «excêntrico» um grau de liberdade a cujo luxo os outros não se podem dar. Dito de outra maneira, é-lhe concedida uma «licença excepcional». No entanto, há um preço a pagar por isso: o excêntrico tem de comportar-se, daí para a frente, de acordo com as expectativas entretanto geradas nos outros, tem de ser coerente com a sua excentricidade, «tem de fazer permanentemente de extravagante, constituir-se “no” extravagante do grupo, para cumprir a função de divertir.»⁶

Estas ideias, julgo, aplicam-se na perfeição ao caso Luiz Pacheco. Vejamos a questão das expectativas. Em Novembro de

⁵ Carlos Castilla del Pino, *ibidem*, pp. 11-5.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 31.

1999, quando o livro *Prazo de Validade*, que reunia as crónicas do jornal *Público*, foi lançado na galeria de arte Santiago, em Palmela, o jornalista Paulo Morais escreveu o seguinte: «(...) Luiz Pacheco não defraudou todos os que se encontravam no interior da Galeria, uma vez que levantando-se, recusou aceder aos pedidos para dizer algumas palavras, apenas afirmando “quero-me ir embora, já estou farto de estar aqui...” Quase que poderíamos afirmar que se ele tivesse falado, se tivesse dado importância ao acto (...), não estaria a corresponder ao que os seus admiradores se habituaram a esperar da sua pessoa.»⁷ Havia um lado de previsibilidade, por assim dizer, no imprevisível que era Luiz Pacheco. Não se trata de deixar de nos surpreender, mas sim de — previsivelmente — continuar a surpreender-nos. A expressão «com o Pacheco nunca se sabe...»⁸ é bem significativa. E por isso Baptista-Bastos podia dizer, com desportivismo, que sabia que «um dia destes, se lhe der na mona, ele dirá pessimamente de mim soltando casquinadas intermitentes, a sua forma de escárnio e mal-dizer.»⁹

Em 1992, a revista *K* publicou uma entrevista onde Luiz Pacheco distribuía bordoadas. Logo de seguida, o jornal *Tal & Qual* quis saber as reacções dos eleitos¹⁰. Fernando Dacosta, considerado «pretensioso» por Pacheco, disse que «isso que ele diz não tem importância nenhuma. Estou habituado há 20 anos às suas amizades e traições...». Além do mais, que aprecia mesmo essa

⁷ Paulo Morais, «Luiz Pacheco sempre com *Prazo de Validade*», *O Setubalense*, 20 de Novembro de 1999, p. 4.

⁸ *Diário de Lisboa*, suplemento literário, 19 de Agosto de 1971, p. 5.

⁹ Baptista-Bastos, *Diário Popular*, suplemento «Letras e Artes», 22 de Dezembro de 1977, p. v1 (sobre a publicação do livro *Textos Malditos*, incluído na contracapa de *Textos de Guerrilha* — 2, Lisboa, Ler Editora, 1981).

¹⁰ Fernando Brederode Santos, «Eu é que os topo», *Tal & Qual*, 17 de Julho de 1992, p. 18.

faceta do escritor, pela «completa ausência do sentido da decência e da moral tradicional», para rematar com um «que nunca lhe dou a língua...». Já Saramago, também visado, defendeu que se deve analisar as afirmações de Luiz Pacheco tendo em conta «as singularidades da personagem». Como se vê, enquanto Luiz Pacheco correspondesse àquilo que era esperado de uma pessoa como ele, ou seja, «excêntrica», os outros diriam coisas deste género: «Pacheco continua igual a si mesmo»¹¹, «Pacheco nisto está na mesma: uma língua viperina para quem pisa o risco da sua rigorosíssima ética literária»¹², «Igual a si próprio, este Pacheco»¹³.

Esta relação com a «excentricidade» proporciona igualmente um à-vontade pouco comum, o qual autoriza certas audácias e explica que os jornalistas lhe fizessem perguntas que, como é de bom-tom, não são colocadas a outros escritores. O mero percorrer das entrevistas nos fornece vários exemplos: «Tu és um escritor homossexual?» (Tavares Teles, 1988); «Qual o lugar mais esquisito onde fizeste amor?», «E vontade de matar alguém, já tiveste? Quantas coisas fizeste de ilegal ou de condenável?» (B-B, 1994); «Donde é que vem essa massa?» (Rodrigues da Silva/Araújo Pereira, 1997); «Isto tudo vinha a propósito da masturbação. Nunca mais teve sexo por problemas de saúde?», «Que fez aos 700 contos?», «Como é que arranja os 185 contos?» (Mota Ribeiro, 1998).

Aceitar a excentricidade, já vocês vêem, é considerar natural que Luiz Pacheco dissesse, por exemplo, que em José Cardoso Pires «é tudo batota» (Ferreira Alves/Sepúlveda, 1988), que exclamasse sobre as novas gerações um «puta que os pariu!» (Cotrim,

11 Afonso Praça, «O libertino sou eu», *O Jornal*, 29 de Maio de 1992, p. 32.

12 Rodrigues da Silva, «Memórias de um libertino», *O Jornal*, 18 de Outubro de 1991, p. 36.

13 Ângela Caires, «Pacheco, o Libertino», *O Jornal*, suplemento «O Jornal Ilustrado», 7 de Dezembro de 1990, p. 12.

1995), que a escrita de Mário Cláudio «é para deitar fora» (Rodrigues da Silva/Araújo Pereira, 1997), que o diário de Miguel Torga «é uma trampa» e o de Vergílio Ferreira «um livro odioso», em suma, «golpadas para ganhar dinheiro» (Carita/Tentúgal, 2001), que «ao pé dela [Agustina Bessa-Luís], falar do Saramago é como falar do cão...» (França, 2004). É publicar nas entrevistas pilhérias como «você não estava muito melhor num baile de carnaval a esfregar a gaita com essas gajas todas? E está aqui a gramar um maluco!» (Santos, 1995). É ouvir sem comoção afirmações que noutros dariam brado, como «o 25 de Abril não foi importante» (isto num escritor que era comunista e que tinha cartão de militante do PCP). É condescender que Luiz Pacheco tenha defendido Sousa Lara depois de este ter boicotado a candidatura de José Saramago, com *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a um prémio literário, declarando que o livro é «uma chatice» e «coitado... se teve de lê-lo para o cortar do Prémio Literário Europeu.»¹⁴ É ainda, por exemplo, fazer uma edição «pirata»¹⁵ do livro *Relógio de Cuco*, de Virgílio Martinho, sem com isso sofrer quaisquer consequências, mais que prováveis fosse outra a pessoa.

Voltando ainda à peculiar entrevista da revista *K*. É verdade que Natália Correia ficou de mal com ele, não tolerou os ataques («lésbica» e «devassa»), respondeu-lhe na mesma moeda («analfabeto» e «demente»), e que José Cardoso Pires «começou no entanto por rir a bom rir dos comentários que o visavam. Um alegado

14 Declarações publicadas numa reportagem sobre o lançamento da reedição, pela Colibri, d'*O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o Seu Êsplendor*, realizado na sala estúdio do Teatro S. Luiz, no Teatro Experimental do Chiado (hoje Teatro-Estúdio Mário Viegas), em Marina Ramos, «Escárnio e Maldizer», *Público*, 21 de Maio de 1992, p. 32.

15 Referido por Ana da Silva, «Cronologia», em Luiz Pacheco, *Exercícios de Estilo*, Lisboa, Estampa, Outubro de 1998, p. 275.

noivado de Pacheco com sua irmã fê-lo soltar gargalhadas. (...) Se a afirmação do detractor de que o romancista, no início das relações entre ambos, lhe submetia os textos antes de os publicar lhe suscitou alguma hilaridade, já as imputações de uma inveja de José Saramago que o levaria a “emborcar três garrafas de *whisky*” por “cada êxito” do autor do *Memorial do Convento* pareceu irritá-lo a valer. Qualificou de “velhacarias” e de “atestado de mau carácter” as declarações de Pacheco. “Não quero meter-me nessa chafurdice. Recuso tomar conhecimento dessas declarações, por virem de quem vêm.”» Seja como for, aquilo que em outro não seria perdoado, ou seria mesmo levado à barra do tribunal, em Luiz Pacheco era minimizado, desvalorizado, enquadrado num registo típico que corresponde àquilo que é suposto no indivíduo que adquiriu a identidade de «excêntrico». Tanto isto é assim, que abundavam as expressões «lá está o Pacheco», «coisas à Pacheco», «mais uma das rábulas do Pacheco»: uma forma de o neutralizar e de o tornar inócuo. O mesmo com «ele diz mal de tudo», ou seja, que não é para ser levado a sério. Aliás, suponho que nem o próprio, nas entrevistas, se levava muito a sério, e aqui a sua grande defesa. Porque, dessa forma, remetia tudo para a categoria da comédia e da paródia.

Acresce a isto que Luiz Pacheco, que sabia muito bem ao que iam os jornalistas — «P: Vamos lá falar de literatura portuguesa contemporânea; R: Eh pá, querem que eu diga mal?» (Rodrigues da Silva/Araújo Pereira, 1997) —, quando parecia frustrar as expectativas, ou romper esse «pacto implícito» entre ele e os outros (neste caso os jornalistas), via-se confrontado com a exigência de corresponder ao papel que lhe foi atribuído. Vejamos alguns exemplos: «Continuas às voltas e sem responder. Tás com miúfa?», «O Pacheco em pânico é, para mim pelo menos, que te conheço vai em trinta anos, uma situação nova», «Nunca recuaste perante qual-

quer afirmação» (B-B, 1985); «É a pergunta. E não costumias fugir a nenhuma pergunta», «Que significa essa precaução?» (B-B, 1994); «Não sabia que era tão puritano! Essa preocupação é quase uma novidade! Tem dito tão mal de tanta gente...», «Pelos “reservas” que fez em relação ao novo livro, parece estar menos combativo...» (Santos, 1995); «Um libertino com pudor?» (Cotrim, 1995); «Vamos lá a saber, é hoje que quebra o tabu do Saramago?», «Está com medo de ser prejudicado por dizer o que pensa do Saramago?» (Salazar, 1998). É este o preço, justamente, que o «excêntrico» tem de pagar: continuar a agir como tal, porque isso permite à sociedade possuir uma «teoria» sobre ele perfeitamente coerente e susceptível de ser utilizada na previsão de futuros actos extravagantes.»¹⁶

Nisto, Luiz Pacheco não costumava desiludir, e ia de encontro àquilo que se esperava dele. Quando António Tavares-Teles diz «vai porém longa a conversa e Luiz Pacheco, o maldizente, ainda não disse mal de ninguém!», obtém logo a resposta desejada: «Olha, mas acabei de ler há bocado um livro do Casimiro de Brito, e vou dizer mal desse tipo! Um tipo que estava como bancário, creio, no Luxemburgo e, quando se deu o 25 de Abril, vem para aqui dizer que era refugiado político, porra! [Ri]. (...) Fez um livro chamado *Arte da Respiração*... Mas essa é a minha arte! A minha arte! Com a asma, com as bombas, com a botija de oxigénio. É a minha arte, respirar! [Ri ainda.] Ele escreve, eu respiro! Está maluco, o tipo! Eu estou maluco, mas ele está muito para lá...» (Tavares-Teles, 1988). Só mais um exemplo, bem elucidativo: «Dos [autores] portugueses contemporâneos, evita falar, mas acaba por ceder, depois de algumas insistências.»¹⁷ E há outra coisa. É que esta função desempenhada por Luiz Pacheco sujeitava-se — como

16 Carlos Castilla del Pino, *ibidem*, p. 26.

17 Afonso Praça, «O libertino nunca existiu», *Visão*, 26 de Março de 1997, p. 87.

de facto! — a ser utilizada pelos outros para levar a cabo as suas pequenas vinganças e zurzir, por interposta pessoa, sem precisar de sujar as mãos. Ou, então, para destilar umas generalidades abstrusas, umas críticas sem esqueleto, sem um alvo concreto e definido: «Um país dissimulado e sacrificado até merecia a denúncia de um Pacheco, o “cangalheiro da cidade”. No tempo dos panfletos e da contestação, o “heterónimo” colectivo de Delfim da Costa cobria as tacadas certas de muito bom bilharista e bilhardeiro. O Delfim da Costa era o “cangalheiro da cidade”. Pacheco era-o, às vezes. A cidade, na altura, sacudia-se do marasmo (...)» (Ferreira Alves/Torcato Sepúlveda, 1988).

Isto me induz a pensar que, embora Luiz Pacheco se tivesse auto-excluído e tivesse adquirido um distanciamento que lhe permitia atacar, sem reboço, os actores do meio literário, esta «comercialização da excentricidade» por via das entrevistas acabava por contribuir, paradoxalmente, para a conservação desse mesmo meio. E aqui é que está o busílis. «Porque o extravagante não questiona o sistema, simplesmente simula-o com a sua desobediência em relação a regras secundárias, as quais, com efeito, podem ser desobedecidas por alguns *sempre e quando ofereçam uma contrapartida que se considere valiosa* [leia-se: divertir]. O extravagante, como o excêntrico, está naquele âmbito do contexto que não é o centro, onde se situa a maioria e que são os que definem "verdadeiramente", "a sério", o contexto, e que são, digamos, os seus zeladores. Como as denominadas *excêntricas*, aquelas peças de uma máquina que giram mas não a partir do eixo central e que são naturalmente do sistema, o extravagante está fora do centro do sistema a que pertence, mas girando, como todos, para esse centro.»¹⁸

18 Carlos Castilla del Pino, *ibidem*, p. 27.

O que me leva directamente a outro ponto, que enceto já. Entre as inevitáveis perguntas sobre a morte, a libertinagem, sobre Cesariny, a filiação no PCP, «porque é giro, um gajo morre e vai lá com a bandeira no caixão [Risos]. É que eu tinha visto o enterro do Ary dos Santos a subir a Morais Soares, com eles aos gritos — *Ary amigo, o partido está contigo!* — e pensei: “Isto é o que me convém, porra!” Pagam-me o enterro, pagam-me o caixão e levo a bandeira que me deixa aconchegado» (Cotrim, 1995), as perguntas, também, sobre o subsídio por mérito cultural, as listagens (para acicatar) de escritores e de políticos, em particular Mário Soares, etc., etc., entre todas essas há uma em especial que me interessa e que me merece uns quantos comentários: o «escritor maldito»¹⁹. Quase todas as entrevistas o mencionam. É infalível, seja nos títulos das entrevistas — «Escritor “maldito” abre o livro: o memorial do Pacheco» (Salazar, 1998) —, seja nos textos introdutórios — «É considerado por muitos como um “escritor maldito”, talvez o único escritor maldito na nossa actualidade literária» (do Carmo Francisco, 1998) —, seja, sobretudo, nas perguntas. Eis algumas, para que tenham uma ideia:

- 1) «És considerado um escritor diferente. Marginal e mesmo maldito.» (revista da *EDP*, 1991);
- 2) «Mas esse estilo truculento, que ajudou a criar a aura de “maldito”, não acabou por abafar de certo modo a sua obra literária propriamente dita?» (M. Santos, 1995);
- 3) «Também não se livra de o verem como escritor maldito...» (Cotrim, 1995);

19 Um conceito misturado, confusamente, parece-me, com o do «marginal», mas que não vem agora aqui a pêlo tratar com profundidade. Esta questão, aproveito o ensejo para dizer, deixo-a para o doutoramento em sociologia da literatura: uma biografia de Luiz Pacheco.

PARA DAR O EXEMPLO

Carlos Quevedo e Rui Zink

Revista K, Julho de 1992

Fomos entrevistar o maior escritor vivo. O maior escritor, o mais português, o mais vivo: Luiz Pacheco.

Luiz Pacheco, escritor, sofre de asma brônquica. Calvície precoce. Fractura do úmero devido a tentativa de suicídio na Avenida de Berna. Queda de dentes natural quase total. Enfisema pulmonar bilateral diagnosticado em 1958, obrigado a uso permanente de botija de oxigênio, à noite e ao levantar. Hérnias inguinais não operadas com uso de funda dupla. Hipersensibilidade ao álcool, o que o conduziu a uma fraudulenta fama de alcoólico incorrigível.

Tratamento de desintoxicação no Centro António Flores, ambulatório e dois internamentos. Miopia e astigmatismo, quase cegueira. Bisssexual assumido. Leve surdez do ouvido esquerdo. Andropausa total. Três mulheres reconhecidas. Três estadias no Limoeiro: 1957, 1959, 1968. Duas estadias na cadeia das Caldas da Rainha: 1967, 1968. Prisões ocasionais e breves em esquadras da polícia. Autor, entre outros títulos, de: Literatura Comestível. O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o Seu esplendor. Exercícios de Estilo. Comunidade.

Que idade é que tinha quando escreveu O Libertino?

Tinha 36 anos. Estava à espera que me servissem o almoço na Pensão Oliveira, e enquanto me serviam fui relatando os acontecimentos da véspera. Vê-se que houve pressa de escrever.

Não houve modificações?

Não, quase não houve. Este texto é o que mais me tem rendido dinheiro, mas também rende famas, rende [*risos*]... porque eu não estava lá em Braga para andar atrás de magalas. Quanto a mim este é um texto circular, começa na morte e acaba na morte, acaba no fracasso. Há sempre uma ideia, quando se faz um texto, há uma ideia estética por trás. A ideia estética que está por trás deste texto é uma coisa que eu nunca vi, que é o chamado cinema *vérité*. É aquele gajo que sai para o meio da rua com uma máquina, não é? E começa a filmar coisas. Mas, é claro, este cinema *vérité* é falso, porque a máquina não filma indiferentemente, a máquina filma para onde ele aponta a objectiva, não tira fotografias, é ele que escolhe os ângulos. Portanto, o cinema *vérité*, que em princípio seria um cinema de verdade, é um cinema de construção como qualquer outro. Aqui um bocadinho por trás do texto, sem se dizer nada, houve a noção disto: «Vamos lá ver onde é que eu andei ontem e, antes que me esqueça, escrever tudo.»

Há quem diga que só começou a escrever nos anos 60. É verdade?

Nos anos 60? Não! Eu comecei a escrever até bastante novo; agora publicaram um texto meu escrito com 20 anos. Não, nos anos 60 já quase não escrevia.

Agora já só faz reedições? Passou à história?

Ó pá, é muito difícil, no meu estado, escrever capazmente. Um escritor é como um *boxeur* ou como um futebolista: tem prazo de validade. Há obras que se fazem em ascensão. O Beethoven, por exemplo, vai sempre em ascensão — a 9.^a Sinfonia, depois seria a 10.^a, depois seria a 11.^a, se ele aguentasse mais um tempo. E há obras que se fazem um bocadinho datadas. Insistir depois disso

seria estúpido. O que me distrai agora é gravar. Mas como não tenho luz, até gravar é difícil. E as pilhas são um balúrdio, as cassetes são um balúrdio, um tipo está a gravar às escuras, de repente já está a gravar por cima de outra coisa... De maneira que agora estou parado, estou reformado. Eu escrevo: escreba/reformado, ou reformado/escreba, tanto faz. Não estou à espera de fazer nada de especial.

Eu pensava que a diferença entre o futebol ou o boxe e a escrita é que eles eram obrigados a reformar-se aos 30 anos e nós podíamos continuar até à vitória final...

Você está a assistir àquilo que eu chamo escritor/escreba avançado: é um tipo que tem que fornecer à editora todos os anos um original e que portanto vai lá ao fundo da gaveta, sai-lhe a palha e faz um original. Você não acha que o Vergílio Ferreira está já reformado há muito tempo?

Sim.

Então porque é que publica? É uma questão de taco. Uma questão também de, enfim, sei lá, de hábitos, de vaidade, de poder. O Saramago se tivesse ficado pelo *Memorial do Convento* não teria ficado melhor? Agora até publicaram os textos macacos que ele escrevia no *Diário de Notícias*, no *Diário de Lisboa*, as opiniões que o DL teve, *Basta de Censura*, uns poemas que são uma calamidade. Contaram-me que agora (não sei se é verdade se é mentira) a Caminho recebeu uma encomenda de Angola de um ministro a pedir 500 exemplares do *Manual de Caligrafia e Pintura*, porque o homem supôs que era um manual mesmo, uma maneira de ensinar a escrever a pretalhada, em vez de escreverem gatafunhos. Sabia desta?

Não, não conhecia essa anedota.

Não passa de uma anedota, não é? A má-língua aqui é muito grande, e o Saramago hoje tem 99 por cento das invejas nacionais de todos os escritores, porque de facto ele conseguiu uma posição que mais ninguém tem, nem mesmo o Fernando Namora se fosse vivo.

Mas a ideia que eu tenho é que o Saramago vale um pouco mais do que o Namora.

É pá! Nem me digas isso, pá, o Namora é abaixo de cão, nem é abaixo de Namora, é abaixo de cão, isso eu escrevi! E, aliás, ainda por cima é gatuno, roubou lá umas coisas ao Vergílio Ferreira. Nesse ponto o Vergílio Ferreira tinha uma posição de grande valor intelectual e bagagem ensaística. Agora foi ultrapassado por este, o Saramago, que é muito mais novo. É inteiramente justo. Eu comprei o *Evangelho*, ele costumava-me mandar, mas eu comprei: li duas páginas e depois fui ver que faltavam ainda 500 ou 400 e não li mais nada.

O seu filho Paulo é o encarregado do seu espólio?

Sim, o Paulo é o encarregado e tenho a impressão de que vai fazer uma grande fogueira aí em casa, ali na varanda ou no guarda-tudo, que ele tem já uma procuração legal para me representar junto da SPA; e esta edição já é obra dele, esta edição já pode considerar-se póstuma. Eu vi esta edição assim como ela está agora. Revi com muito cuidado, detesto gralhas, fiz uma ligeira limpeza do género de umas exclamações, umas reticências. Mas o texto está aí integralmente e — há mal em dizer isto? — o que era giro não era publicar isto agora, o que era giro era publicar isto como ele foi publicado em 1970, com a PIDE, com censura, com repressão,

isso é que foi giro, publicar em 1970 e depois uma actualização em 73, 72/73, três mil exemplares. Foi debaixo da repressão e nessa altura quem escrevesse isto em Portugal, não havia ninguém, que eu saiba não houve ninguém, parece que há uma coisa do Costa Ferreira, o Costa Ferreira em 68 publicou um texto assumindo a sua homossexualidade, que no *Libertino* nem está assumido, não é assumida, não se passa nada. Sexualmente falando, bem espremido, o *Libertino* é uma «nega» pegada, são sopas e mais sopas.

Porquê Braga e não a Buraca?

Se não fosse em Braga não tinha a mesma importância. Braga, com fedor a padre, era uma cidade de facto perfeita. Eu até era para dedicar isto ao arcebispo de Braga, mas aí o meu filho e a tipografia acharam mais prudente não o fazer. Era para dedicar isso àquele gajo que nem abortos, nem preservativos, nem mães solteiras, nem nada disso. Era para o insultar, porque Braga de facto continua a ser um expoente da pata da Igreja em Portugal. Portanto em Braga há esse desafio, esse desafio D. Juanesco, o tipo que vai lá buscar a noiva ao convento para fazer a sua ofensa a Deus, quer dizer, toma Deus como seu rival. Em 1970, já depois disto escrito, comecei a interrogar-me sobre o que seria libertino e libertinagem e não achei definição. Eu tinha lido bem o Laclós, tinha lido o Roger Vaillant, e tinha lido o Sade. A primeira pessoa que editou o Marquês de Sade em Portugal fui eu.

O que é um libertino?

O libertino, para mim, é mais fácil definir pela negativa. A libertinagem não é o medo, não é a devassidão, não é a tristeza. É o ateu progressista. É preciso não esquecer que o Marquês de Sade, depois de ter saído da Bastilha, pertenceu a um comité do povo,

e nesse comité do povo ele fez uma acção humana, que foi salvar a sogra que o tinha perseguido durante 40 anos ou coisa que o valha. Ele não mandou cortar a cabeça da sogra, mas a sogra merecia.

Porque é que o libertino não é um devasso?

O devasso é o gajo que não tem regras, é o gajo que vai a todas, é um bocadinho o Ribeiro de Melo, benza-o Deus, que já está no outro mundo. A Natália Correia é uma devassa, vocês ponham isso que ela fica toda zangada, mas ela é uma devassa. Por exemplo, ela foi à estreia, não, ela não foi à estreia, mas foi lá ver a *Comunidade*, e ela diz: «Afinal de contas o Luiz Pacheco é um *pater familias*, a libertina sou eu.» Eu, se estivesse lá, dizia: «Ó sua maluca, você não é uma libertina, você é uma devassa», é uma estragadona que não respeita pai nem mãe, vai meter-se com o irmão de uma mulher minha, com um tio deste, quando eu estava preso no Limoeiro. Ela meteu-se com uma mulher minha. Quer dizer, abusou da situação de eu estar preso para aproveitar uma rapariga que estava lá em casa por caridade. E depois quando eu saí, claro que fiz uma guerra, ataquei uma mulher dela, à má fila, para ela saber o que é bom. Portanto vocês têm uma noção de como é o libertino, eu tenho esta que é feita por negativas. O libertino faz da sua vida um espectáculo; ora este texto é um espectáculo, é a tal noção do cinema *vérité*, quer dizer, vai mostrando o libertino a fazer aquelas maluqueiras todas, com o vinho verde, que é um vinho que não dá muita perturbação. Vai mostrando os fracassos, vai-se confessando, mas também há um certo gozo masoquista disso. O que não é tristeza.

Portanto a diferença aí é mais o assumir o que o devasso esconde.

Sim o devasso esconde e baralha, e...

Em A Comunidade ou outros textos há sempre este jogo autor / personagem e, já agora, há a questão do Limoeiro.

Quando eu digo que fui para o Limoeiro três vezes, as pessoas podem ficar a supor que matei o pai, matei a mãe, matei a avozinha. Quando fui parar ao Limoeiro, por exemplo, por dar um beijo a uma menina de 15 anos! Pregaram comigo no Limoeiro por atentado ao pudor e depois de estar lá um mês, cheio de medo, absolveram-me.

Foi denunciado por quem?

Fui eu que me denunciei. Fui eu que disse na Judiciária. «O senhor teve alguma coisa com a menor?» «Sim, beijei-a.» «O senhor beijou-a?» O agente até foi excepcionalmente simpático, disse-me: «Eu devo avisá-lo de uma coisa: a sua posição no processo permite-lhe mentir.» Mas eu estava armado em D. Juan, em galã, «não, eu não venho aqui para mentir». Claro que também não disse a verdade toda. Não foi só o beijo, está claro. Mas nem o beijo comprometeria a rapariga, e mostrava que tinha uma grande paixão por ela. Até tenho uma filha — a irmã mais nova deste chama-se Maria Eugénia por causa dessa rapariga. Portanto, quando se fala em Limoeiro não vão julgar que eu andei para aí a esfaquear pai e mãe. Por exemplo, eu fiz coisas muito mais perigosas cá fora pelas quais nunca fui preso. Fui parar ao Limoeiro e à cadeia das Caldas da Rainha duas ou cinco vezes.

E também esteve num sanatório, não foi?

Fui parar ao sanatório de Torres Vedras. As pessoas diziam: «Então este gajo é tuberculoso, tiraram-lhe um pulmão. Terá um cancro?» Não, fui parar ao sanatório porque não tinha onde dormir, não tinha onde comer e pedia. E como tinha a asma, lá ia para o sana-

tório com diagnóstico de tísico. Fui parar ao Rego duas vezes com diagnóstico de diabetes descompensada. Ora eu nunca tive diabetes, eu pedia era à médica para me meter lá um mês ou dois no Rego a comer e a beber e dar-me injeções, que eram uns tónicos. Diabetes descompensada! Nunca tive diabetes na minha vida.

Então as duas prisões foram sempre por atentado ao pudor?

Atentado ao pudor não, estupro, primeiro, atentado ao pudor, e depois outra vez atentado ao pudor. Com a mãe daquele foi pior, foi por rapto e estupro. Não raptei nada. Bem, estupro, faz favor, nasceram três, nasceram dois e meio pelo menos.

Porquê «meio»?

Porque acho que estive metido outro gajo.

Comunidade *foi muito depois do* Libertino?

Comunidade é posterior. O *Libertino* foi escrito quando eu estava com a Maria do Carmo e a *Comunidade* foi escrita quando eu já vivia com a Maria Irene, aqui em Setúbal. Não foi escrita em Braga. Separa a *Comunidade* cinco anos: outra mulher, outra situação. Que me leva a um texto para mim falhado, porque aquilo queria ser um texto ofensivo, e não consegui.

E porque queria fazer um texto ofensivo?

Era para mostrar que era possível a felicidade com as condições materiais mínimas. Queria mostrar àqueles senhores tipo Natália Correia que eles não são mais felizes do que um casal que se dá bem na cama e que tem os filhos à volta e que está a progredir. E depois há o caso contrário. Eu tinha um texto que era o *Anti-Comunidade*, que não acabei: *O Caso do Bife Voador*, que é

a mostrar o desagregar da comunidade. Por isso é que de repente aparece o sete e meio, a rapariga (era a mãe deste) tinha 17 anos, já tinha dois filhos, estava a criar dois sobrinhos, os tais da Maria do Carmo, que era irmã dela, e de repente achou um rapazinho que vivia lá em casa. Eu estava a ver aquilo há que tempos mas fui parar ao hospital e ela à cama do outro.

As suas mulheres eram todas assim tão novas?

Sim, eu gostava delas mais novas. A Natália foi minha testemunha num julgamento e disse: «Ele procura a pureza, a inocência.» Ah, qual pureza e inocência. Hoje já não procuro nada, nem novas nem velhas. Nesse ponto estou inteiramente reformado. Mas era uma questão de opção, é muito curioso o amadurecer do sexo, numa rapariga ou num rapaz de 14, 15 anos. Talvez fosse uma devassidão minha, mas aconteceu de facto. Ora aí não quero julgar nada...

Mas ainda hoje a lei diz...

Sim, mas está muito modificada, o caso do estupro era um caso de direito público, o queixoso retirava a queixa e o Ministério Público não consentia. Hoje é um caso de direito privado. Por exemplo, na primeira vez que fui parar ao Limoeiro, a questão era esta: eu queria casar com a rapariga, e ela também queria. Ambos éramos menores. Eu emancipei-me, mas ela tinha um problema com a mãe, que fugira, andava pelas feiras aos tirinhos, e o pai tinha-se enforcado com outro nome. Era preciso constituir um conselho de família.

Enforcado? Quer dizer tinha-se casado?

Não, não, tinha-se mesmo enforcado. O pai era casado com outra. Antigamente fazia-se isso, dava-se um nome que não coincidia,

por exemplo, chamava-se Manuel Alves e dava o nome de Simão Pereira... E não coincidia o morto... E havia o problema da mãe, que também era menor quando a teve... Essas coisas hoje estão muito atenuadas. Em qualquer parte do país se vê. Não é preciso ir a Lisboa: vejo um casal num jardim nas grandes sarrafadas. Antigamente vinha logo um polícia, «hep, estão a pisar relva!»

Nunca se tentou suicidar?

Tive dois ameaçozitos. De um ameaço salvou-me o Cesariny e o Carlos. De repente, estive para me mandar para dentro de água...

Chegou a atirar-se?

Não, eles seguraram-me a tempo. E tive outro caso, mas estava bastante embriagado. Tinha uma vida muito difícil. Hoje não me admiro nada, tenho uma grande resistência. Agora é que eu me sinto muito enfraquecido, ando à procura de quarto e vêem um tipo com uma botija de oxigénio, já assim velhadas, e depois pensam que vou morrer lá para casa. Eu queria ver se entrava para um asilo, um lar, antecâmara da morte. Fomos ver um, mas são caríssimos e tratam mal as pessoas. Eu até disse ao Paulo para vos convencer a não vir cá agora porque estou diminuído com esta história do quarto. Estaria muito mais bem disposto se já tivesse alugado o quarto hoje de manhã. Olha, não viessem.

Eu não imagino Lisboa dos anos 50 e a sensação que tenho sempre em relação a Portugal é que a tradição do século xx em relação a escritores é que, primeiro são todos de boas famílias, e depois acabam por ter dinheiro. O Luiz Pacheco não tem...

Paulo, tens de ir lá acima buscar o livro de família para eles não julgarem que eu sou de famílias ruins. A minha família era uma

família da pequena nobreza rural. Vamos, não nasci em berço de ouro, mas também não nasci no orfanato. A família já era uma família em decadência, veio de Elvas para Lisboa. Os coronéis acabam-se, este professor, este Mário Pacheco, poeta/professor, morre em Viseu. O meu pai era um burguista, é preciso ver as coisas no seu tempo. O meu pai era um gajo da *Belle Époque*, estava-se marimbando para o dinheiro, tocava piano e tinha um ouvido excepcional. Mas em vez de se empregar num bar ou numa *boîte* para ganhar dinheiro, não: punha-se à tarde a tocar piano para ele. Fiz o liceu no Camões até ao 7.º ano e depois ele disse-me: «agora não te posso dar mais». Mas eu quis continuar e continuei mais um ano como aluno fantasma. Pedi aos professores se podia assistir às aulas e deixaram-me, mas não me esqueci da matéria, fui lendo, li o Fernão Lopes todo, o Garcia de Resende todo, o Gil Vicente todo. Nos intervalos ia para a biblioteca. Quando cheguei à faculdade fui o melhor, é natural, tinha tido um ano inteiro de prática. Depois desnorteei-me com umas saias e não acabei o curso. Fui para empregado de agente fiscal da Inspeção de Espectáculos ganhar 600\$00 por mês. Depois apareceram-me um filho, outro filho, depois comecei a sair da minha mulher, arranjei outra, quartos, pedi a demissão da Inspeção de Espectáculos, que foi uma estupidez. Foi uma estupidez? Bah!... Na altura até foi bom. E aí comecei a vida de saltimbanco.

E a par com vida de saltimbanco veio a tertúlia intelectual? Ou não? Porque uma coisa parece que tem a ver com a outra.

Não, isso eu já desde 1945/46 que me dava com uns rapazes. Do Camões eram dois: o Jaime Salazar Sampaio e o José Cardoso Pires, do qual eu ia sendo cunhado. Ia casando com a irmã. Fui explicador dela e do irmão mais novo. Vocês leram o *Hóspede de Job*?

LUIZ PACHECO

Nota Biográfica

LUIZ JOSÉ MACHADO GOMES GUERREIRO PACHECO nasceu no dia 7 de Maio de 1925, em Lisboa. Foi filho único. Em 1936, entrou para o Liceu Camões. De entre alguns colegas, destacam-se José Cardoso Pires e Jaime Salazar Sampaio. De entre os professores, Rómulo de Carvalho, Luís da Câmara Reis e João de Brito. Nos tempos do Liceu Camões, Pacheco iniciou a sua actividade editorial com o jornal *O Pinguim*. Antes de completar 20 anos, já havia lido as obras de Fernão Lopes, Gil Vicente e Garcia de Resende. Entrou na Faculdade de Letras de Lisboa, curso de Filologia Românica, isento de propinas, devido à excelente classificação no exame de admissão. Foi aluno de André Crabée e Delfim Santos, entre outros, obtendo a classificação de 18 valores pela dissertação em literatura que apresentou a Vitorino Nemésio. Nunca terminou o curso.

Com a idade de 20 anos, passaria pelo primeiro processo judicial, devido à relação amorosa com Maria Helena Alves, a criada da casa, de 14 anos, que veio a ser a sua primeira mulher, em consequência do processo. Simultaneamente, apaixonou-se por Maria de Fátima Vasconcelos, mantendo com esta uma relação paralela.

Ainda desta época datam as colaborações n' *O Globo* e em *Afinidades*, com críticas literárias e traduções; José Cardoso Pires, Mário Dionísio e Joly Braga Santos a haveriam de ser por ele convidados a escrever nestas publicações. Conheceu Mário Cesariny de Vasconcelos em 1946, encontro que determinaria a

aproximação de Luiz Pacheco ao meio literário e intelectual. Viria mais tarde a conviver com quase todos os autores neo-realistas e surrealistas portugueses. Também neste ano, tornou-se funcionário da Inspeção dos Espectáculos e assinou a lista do MUD.

Em 1947, passou um mês e meio na prisão do Limoeiro, sendo depois condenado a dois anos de pena suspensa pelo crime de estupro, apesar de estar já casado com a «vítima». Da relação com Maria Helena nasceram três filhos.

Em 1950, Luiz Pacheco fundou a Contraponto, editora e distribuidora, que começou por publicar os «Cadernos de Crítica e Arte», onde colaboraram Augusto Abelaira e Vasco Vidal, entre outros. A actividade editorial da Contraponto viria a destacar-se com a publicação de obras de Mário Cesariny, António Maria Lisboa, Vergílio Ferreira, Herberto Helder e Natália Correia, bem como com a tradução de Ibsen, Molière, Jaspers, Büchner, Pirandello, Ionesco, Dürrenmatt, Tchêkhov, Apollinaire, Kleist, entre outros. Luiz Pacheco foi também o primeiro editor em Portugal do Marquês de Sade, tendo passado por um processo judicial devido ao prefácio que escreveu a uma das suas obras, *A Filosofia na Alcova*. A Contraponto veio a desempenhar um papel fundamental no meio teatral lisboeta, através da colecção Teatro no Bolso, pequenos livros que acompanhavam as peças representadas na capital e que eram vendidos no início e nos intervalos dos espectáculos.

Degradada a relação conjugal com Maria Helena, o ano de 1957 assistiu a duas novas paixões fervorosas de Luiz Pacheco: Maria do Carmo Matias (com quem teve dois filhos) e Maria Eugénia Barbosa, com 13 anos. Em 1959, foi processado por causa desta última, acusado de atentado ao pudor a uma menor. Foi também neste ano que saiu do país pela primeira e única vez: viajou até Roma, instalando-se em casa de Jaime Salazar Sampaio. No regresso desta viagem,

pediu a demissão da Inspeção dos Espectáculos, libertando-se de um insatisfatório vínculo laboral. No mesmo ano, e pela segunda vez, devido ao processo de Maria Eugénia, passou uma temporada no Limoeiro enquanto aguardava julgamento, acabando por ser absolvido, no ano seguinte, apesar de condenado por desobediência ao tribunal. Em 1962, Luiz Pacheco envolveu-se com a irmã de Maria do Carmo, Maria Irene, de quem teve três filhos. Seguiu-se um novo processo judicial. Em 1965, foi novamente julgado em tribunal, desta vez pela participação na *Antologia de Poesia Erótica e Satírica*, organizada por Natália Correia. Em 1966, a obra *Crítica de Circunstância* foi apreendida pela PIDE. Ainda na década de 60, Luiz Pacheco começou a escrever para o *Jornal de Letras e Artes*, desenvolvendo, até ao final da década de 1990, uma colaboração significativa com um vasto número de publicações: *Seara Nova*, revista *Notícia*, *Jornal de Notícias*, *O Século*, *Diário de Notícias*, *Diário de Lisboa*, *Público*, *Diário Económico*, revista *Ler*, entre muitas outras. Desempenhou funções de revisor e tradutor em várias editoras: Portugália, Arcádia, Inquérito e Ulisseia. Colaborou na antologia *Surreal-Abjeccion(ismo)*.

Ao longo dos anos que se seguiram, degradou-se a vida social, económica e familiar, ficando Luiz Pacheco num isolamento quase total. Esteve internado em diversos hospitais, clínicas psiquiátricas e sanatórios, foi alugando quartos por Lisboa e viu as suas obras e o seu diário publicados em várias editoras e revistas. Em 1988, o texto *Comunidade* foi adaptado e levado à cena na Cornucópia. Em 1989 mudou-se para um quarto alugado em Setúbal e inscreveu-se no Partido Comunista Português. Viveu os anos seguintes entre lares e a casa dos filhos, concedendo entrevistas, sendo alvo de críticas, elogios e polémicas, com uma saúde precária e a lucidez intacta. Morreu no dia 5 de Janeiro de 2008.

LIVROS
PUBLICADOS:

Comunidade (1964; 12.^a edição, 2007)
Crítica de Circunstância (1966)
Textos Locais (1967)
*O Libertino Passeia por Braga, a
 Idolátrica, o seu Esplendor* (1970;
 6.^a edição, 1992)
Exercícios de Estilo (1971; 3.^a edição,
 revista e aumentada, 1998)
Literatura Comestível (1972)
Pacheco versus Cesariny (1974)
Textos de Circunstância (1977)
Textos Malditos (1977)
Textos de Guerrilha (1.^a série, 1979)
Textos de Guerrilha (2.^a série, 1981)
*O Caso das Crianças Desaparecidas
 e Outros Textos Policiais* (1981)
Textos do Barro (1984)
O Teodolito (1985)
Textos Sádicos (1991)
Memorando, Mirabolando (1995)
Cartas na Mesa (1996)
O Uivo do Coiote (1996)
Prazo de Validade (1998)
Isto de Estar Vivo (2000)
Uma Admirável Droga (2001)
Mano Forte (2002)
Raio de Luar (2003)
Figuras, Figurantes e Figurões (2004)
Diário Remendado (2005)
Cartas ao Léu (2005)

TEXTOS DE INTERVENÇÃO,
PANFLETOS:

Carta-Sincera a José Gomes Ferreira
 (1959)
Convivência e Polémica (1959)
Crueldade Testicular (1960)
*João Gaspar Simões: “Tenho tanto que
 escrever, que não tenho tempo para ler”*
 (1961)
O Cachecol do Artista (1964)
*O Prato do Diabo. 30 coplas de pé que-
 brado compostas e musicadas cantadas
 por Delfim da Costa, o Cangalheiro da
 Cidade* (1965)
Comunicado ou Intervenção da Província
 (1966)
1 Burro para o Artista (1966)
Maravilhas & Maravalbas Caldenses
 (1966)
A Pide Nunca Existiu (1976)
Carta a Gonelba (1977)
Torga, o Caso Veterano (1979)
O Caso do Sonâmbulo Chupista (1980)

TÍTULOS DE TEXTOS INÉDITOS
PERDIDOS OU QUE NUNCA
CHEGARAM A SER ESCRITOS:

As Minbas Cinco Chagas de Mestre
Almada Negreiros
Os Relógios
À Saída do Limoeiro
Memórias dum Burocrata Amador
Memórias dum Escriba Folião
Memórias dum Escriba Espantado
Memórias dum Agente Fiscal dos
Espectáculos
Memórias dum Editor Falido
O Pedófilo Perfeito
A Vingança do Enforcado
Viagens, Muitas Viagens
Homenagem aos Saloios
Obrigado, Calouste
A Mulher dos Meus Sonhos
O Degelo em 1961
A Gaivota do Sado
Não há gênios em Portalegre
Vida de Dostoiévski, Vida de Pacheco
 – São Vidas!
O Caso dos Foliões Comprometidos
Textos Nus
Textos Alegres
Os Sonhos. As Coisas

O Jornal do Libertino
A Emigrante Aveirense
*A Primeira Entrada, sonhada,
 da Maria Eugénia na Sala 5*
O Engenheirito
O Grilo na Varanda
Isilda ou O Dia
O Olhar de um Cão
Cadeia do Panão
A Chave da Porta de Casa
Textos Urbanos
Os Filhos da Noite
O Repórter
O Pardal
Textos Lineares.
Os Pais da Pátria
Festejando a Morte do Ditador
Um Broche Patriótico
Os Meus Processos. As Minbas Prisões
Pelos Tribunais. Pelos Hospitais
O Limoeiro Revisitado em 1959
Os Empregos Adiados
A Caça na Sertã
Mão na Enxada, Mão na Espada



*foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 80 gramas,
em Janeiro de 2015.*

